

A notável evolução do Grupo Corpo

■ Ninguém se espanta quando São Paulo, fortíssimo núcleo cultural em todas as formas de arte, apresenta a seqüência de sucessos que tem sido a carreira do Ballet Stagium, por exemplo. Mas, com a exceção dos músicos, Minas Gerais não tem apresentado ao Brasil uma efervescência cultural que o prepare para aceitar como lógica ou rotineira a exemplar qualidade do trabalho do Grupo Corpo, que se apresentou no Festival Internacional de Dança com resultados melhores, mais refinados e depurados do que os anteriores.

Para sorte de todos nós, a autocomplacência não baixou sobre o grupo, que, ao contrário, parece se ter sentido desafiado pelos elogios recebidos em outras apresentações e voltado em nível ainda mais alto do que o já conhecido pelo público. É candidato cada vez mais forte à posição de melhor do Brasil.

O renovado — Devidamente vaidoso de ter ao piano (gravados) os "Prelúdios opus 28", de Chopin, interpretados pelo também mineiro Nelson Freire, o Grupo Corpo abriu seu programa com uma nova apresentação da coreografia de Rodrigo Pederneiras, exibindo uma integração com a obra e um acabamento ainda mais completos do que quando ela foi mostrada anteriormente. Há qualquer coisa que fala de preocupação com a dança em si, mais do que com a de exibição. O encadeamento da seqüência de prelúdios fluiu melhor, sugerindo mais claramente que cada nova idéia coreográfica é resultado inevitável da anterior: no palco vazio, colorido apenas pelas gradações de azul dos austeros figurinos, só Chopin e a dança merecem atenção.

O novo — A expectativa maior em torno da participação do Grupo Corpo no festival recaiu sobre a estréia nacional da Missa do orfanato, com música do jovem Mozart (K. 139), desafio de grandes proporções até mesmo pela própria idéia de se coreografar uma missa. O clima da obra coreográfica é muito bem amparado pela bela sobriedade do cenário de Fernando Velloso e dos figurinos de Freusa Zech Meister, ambos em tons de marrom, ocre e castanho, bem ilumi-



"MISSA DO ORFANATO"

O melhor momento do Grupo Corpo no Festival Internacional de Dança

nados por Paulo Pederneiras. A gravação regida por Cláudio Abbado já é, em si, mais do que bem-vinda para o público.

A coreografia de Rodrigo Pederneiras é (felizmente) muito mais sugestiva do que descritiva: é o clima, são os hábitos e emoções da vida do orfanato que transparecem nos movimentos basicamente tensos, duros, angulosos, nos quais a humildade é freqüentemente mesclada com a humilhação, a resignação com a desesperança e, em breves e fulgurantes momentos, a fê conduz a fugidias explosões em que esperança e revolta também se entrelaçam com grande força. Para tudo isso o coreógrafo aproveita, naturalmente, a estrutura contrapontística que se manifesta na missa de Mozart, mas por outro lado, é indispensável reconhecer que a fidelidade ao clima emocional e à estrutura mozartiana conduz a certas limitações e até a repetições muito difíceis de serem contornadas.

As restrições, no entanto, têm pouco peso se comparadas à notável exploração de posturas corporais para transmitir um universo específico, à beleza e originalidade da maior parte da coreografia e — agora sem restrições — ao altíssimo nível de execução de equipe apresentado pelo Grupo Corpo: em precisão, em harmonia, em acabamento é um conjunto notável.

• Barbara Heliodora